

## O TRABALHO COM O GÊNERO PROVÉRPIO EM SALA DE AULA

Helena Maria Ferreira<sup>1</sup>  
(Universidade Federal de Lavras)

Mauricéia Silva de Paula Vieira<sup>2</sup>  
(Universidade Federal de Lavras)

**RESUMO:** Este trabalho apresenta os resultados de um estudo em que buscamos discutir a utilização do gênero textual provérbio no ensino de língua portuguesa. Para a consecução do objetivo proposto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica em que se buscou compilar e analisar a conceituação/caracterização dos provérbios, bem como as potencialidades do gênero para a aquisição e/ou para o aperfeiçoamento de habilidades linguístico-discursivas. Assim sendo, foi possível assegurar que o provérbio traz contribuições substanciais ao ensino de língua portuguesa, pois constitui um gênero que comporta várias possibilidades de exploração. Foi possível observar possibilidades metodológicas para o desenvolvimento de atividades didáticas que envolvam questões ligadas à fonologia, à morfologia, ao léxico, à sintaxe e à semântica, além de questões ideológicas e culturais, o que pode tornar as aulas de língua portuguesa mais profícuas e interessantes, as quais propiciarão aos alunos uma análise dos elementos linguísticos utilizados cotidianamente no seu contexto social, assim como a análise de conteúdos ideológicos/culturais presentes nas expressões proverbiais, ampliando a proficiência linguística e discursiva dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Provérbios; Leitura; Oralidade.

### WORKING WITH THE PROVERB GENRE IN THE CLASSROOM

**ABSTRACT:** This paper presents the results of a study in which we discuss the use of proverb genre in teaching Portuguese. To achieve the proposed objective we have developed a literature in which it sought to compile and analyze the conceptualization/characterization of proverbs, as well as the potential of the genre to the acquisition and/or improvement of linguistic and discursive skills. Therefore, it was possible to ensure that the proverb brings substantial teaching of Portuguese language contributions, because it is a genre that has various exploration possibilities. It was observed methodological possibilities for the development of educational activities involving issues related to phonology, morphology, the lexicon, syntax and semantics, and ideological and cultural issues, which can make the Portuguese language lessons more interesting and fruitful, which will provide students with an analysis of linguistic elements used daily in their social context, as well as analysis of ideological / cultural content present in proverbial expressions, expanding the linguistic and discursive student proficiency.

**KEYWORDS:** Proverbs; Reading; Orality.

---

<sup>1</sup> Professora de Linguística - Departamento de Ciências Humanas - Área: Linguística e Língua Portuguesa. E-mail: helenaferreira@dch.ufla.br

<sup>2</sup> Professora na Universidade Federal de Lavras - Departamento de Ciências Humanas - Área: Linguística. E-mail: mauriceia@dch.ufla.br.

## 1. INTRODUÇÃO

Com a evolução dos estudos linguísticos, constatou-se um redimensionamento do ensino de línguas. Entre outras discussões consideradas importantes para uma reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem das práticas linguísticas merece destaque o fato de a linguagem passar a ser considerada uma atividade interativa em que nós nos constituímos como sujeitos sociais. Essa forma de conceber a língua(gem) tem provocado alterações substanciais nas metodologias ensino de língua, uma vez que se tem defendido o texto como objeto de ensino. Com isso, as discussões sobre o trabalho com os gêneros textuais também assume relevância, seja para o trabalho com as práticas linguísticas (oralidade, leitura, escrita e análise linguística), seja para o trabalho com a formação do aluno cidadão.

Partindo da acepção de língua como um fator de interação social, o ensino de língua portuguesa abarca os diferentes usos linguísticos com o objetivo de análise e reflexão. Desse modo, a linguagem oral, a leitura, a produção de texto orais ou escritos e a reflexão sobre a língua - objetos de estudo da disciplina Língua Portuguesa, devem ser trabalhados para que o aluno saiba usá-los em diferentes situações ou contextos, como ferramenta semiótica essencial para que o ser humano transcenda os limites de sua experiência imediata e possa refletir sobre os textos e os seus contextos. As práticas linguísticas vivenciadas no âmbito escolar devem contribuir para que o aluno possa expandir sua capacidade de uso da língua, estimulando o desenvolvimento das habilidades de se comunicar em diferentes gêneros de discursos, sobretudo, aqueles textos que usamos no cotidiano. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 23)

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

Após essa breve contextualização, passamos a discorrer sobre a questão eleita como objeto de discussão neste artigo. Elegemos como objeto de estudo o “provérbio”, com vistas a apresentar as características definidoras desse gênero textual, bem como discorrer sobre as potencialidades desse gênero para o trabalho em nas aulas de língua portuguesa, em escolas de Educação Básica.

Consideramos que uma pesquisa teórica/aplicada sobre o provérbio se justifica pelo fato de esse gênero ser pouco utilizado nos materiais didáticos, mesmo sendo rico em linguagem figurada. Além disso, esse gênero possibilita um trabalho que contempla a valorização da cultura e da tradição oral. Assim, buscamos inventariar e socializar essas potencialidades.

Para alcançarmos tais propósitos, organizamos o texto em duas partes: a primeira, que se ocupa da conceituação/caracterização do gênero provérbio, e, a segunda, que se ocupa das contribuições desse gênero para o trabalho nas aulas de língua portuguesa.

## 2. CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO PROVÉRBIO

Os provérbios apresentam origem desconhecida, indefinida e anônima. Há registros de utilização deles por diversos povos da Antiguidade, no Egito (anterior a 2500 a. C.) e na China e na Índia antigas, com o intuito de inculcar preceitos morais e transmitir ideias filosóficas, ou seja, com o propósito de ensinamento. Como texto oral, os provérbios não apresentavam características definidas, confundindo-se com outros textos (máximas, adágios, ditos populares, morais de fábulas). Com o passar do tempo, tornaram-se expressões mais fixas, mais definidas, integrando-se à sabedoria popular. Os hebreus, os gregos e os latinos contribuíram para a consolidação da forma e para a divulgação dos provérbios, por meio da Bíblia, de obras literárias, fábulas etc. Com a disseminação dos provérbios, houve uma extensão da função de ensinamento moral para a função de provocar efeitos de sentido, evidenciando cultura sábia e ornamento estilístico. Na contemporaneidade, observamos uma tendência para o uso dos provérbios com a função de crítica social, servindo como argumento de vários temas, como política, artes, ciência, economia etc. (CÔRTEZ, 2008).

Os provérbios apresentam forte valor cultural, pois permitem conhecer os aspectos característicos da sociedade em que está inserido e preservar as tradições, oferecendo um campo muito vasto para aquele que pesquisa a língua de um povo. De acordo com Côrtes (2008), o provérbio consiste em um enunciado que se fixa na memória e instiga a sua

repetição. No entanto, apesar de sua aparente simplicidade configuracional, esse gênero não é facilmente identificável, uma vez que se aproxima das demais frases genéricas. Em sua estruturação, o provérbio é um enunciado breve, com sentidos sentenciosos, com autoridade que não deixa margem a contestações, mesmo sem autoria revelada. Trata-se de um tema que se mostra de extrema abrangência e profundidade. De grande importância em algumas civilizações ou considerado vulgar para outras, ele atravessa os séculos e nos transmite mensagens carregadas de história e cultura. Desse modo, o provérbio é caracterizado como uma frase de estilo popular, com texto curto, de autor geralmente anônimo, e que se baseia no senso comum de um determinado contexto e nas características culturais, econômicas e sociais de cada comunidade de origem. Nesse sentido, podemos constatar a existência de provérbios de origem francesa, portuguesa, inglesa, chinesa etc, embora seja constatada a existência de uso coletivo.

Desse modo, Côrtes (2008, p. 24, apoiada em ASCOMBRE, 2000) considera que

Os provérbios existem e são compreendidos como frases autônomas.

O seu caráter é sentencioso.

São uma expressão da verdade geral, fundada na experiência.

São breves, populares e geralmente metafóricos.

São bimembres, quase sempre constituídos de elementos repetitivos, que facilitam sua memorização.

São antigos e transmitidos de geração em geração, seu caráter é fixo e definido, são essencialmente orais.

Discorrendo sobre a questão, Lacerda (2008) postula que os provérbios “são empregados para expressarem crenças, pontuações, reafirmações, interpretações e como estratégia de intervenção do indivíduo nas suas diferentes formas de inserção social.” (p. 8). Nesse sentido, podem ser considerados como parte da literatura oral, exercendo as funções de recreação e argumentação. Na função de recreação, esse gênero textual se presta a enriquecer os discursos humorísticos nos quais buscam provocar risos e fazer críticas. Na função de argumentação, os provérbios podem exercer uma linha de confirmação ou de contestação. Os ditos de cunho confirmatório servem para explicar, exemplificar, esclarecer, comprovar ou reforçar um determinado ponto de vista, como pode ser percebido no exemplo: “Quem nunca comeu melado quando come se lambuza”. Já os provérbios de cunho contestatório têm o objetivo de criticar, questionar e/ou denegar a credibilidade e a confiabilidade do conteúdo expresso pelo provérbio, como no exemplo: “Pau que nasce torto morre torto”. Além dessas duas funções, Côrtes (2008) acrescenta os ditos de cunho irônico, que, de certa forma,

provocam, fazem parte do gênero que tem como alvo polemizar os conceitos artísticos e os paradigmas sociais.

Nesse sentido, podemos considerar que a função social do provérbio é evidenciar uma sabedoria (ainda que seja anônima) relacionada às experiências humanas e de contestação quase improvável. Nessa dimensão, sempre haverá um provérbio para cada uma das diversas situações da vida, seja como aconselhamento, seja como crítica ao comportamento humano ligado às manifestações de egoísmo, avareza, inveja, ganância, generosidade, sinceridade, lealdade etc. Desse modo, destacamos a natureza humana dos provérbios, conforme pontuado por Côrtes (2008, p. 110), “este gênero se relaciona diretamente com a natureza humana com o seu cotidiano e com sua problemática”.

É válido destacar, em conformidade com Santos (2004), que mesmo em sua marginalidade, o provérbio está intrincado com a verdade. Ele tem um funcionamento discursivo autoritário, pois é um recurso retórico e ideológico de autorização e por isso muitas vezes passa por uma verdade comumente aceita. A ideia de verdade expressa pelos provérbios agrega ao gênero um *status* de autoridade no interior dos discursos, fazendo com que uma função de ensinamento advindo do cotidiano seja instaurada. Além disso, o provérbio é chamativo e impõe respeito, pois remete a uma verdade comum e reconhecida por todos. O provérbio é, então, “o ponto de inserção, dentro do discurso, do saber comum da coletividade; ele transmite a ideia de autoridade, pois não está vinculado às ideias particulares de quem o exprime.” (CÔRTEZ, 2008, p.15)

Apresentando uma síntese das funções dos provérbios, Lacerda (2008, p. 10), apoiada em Menandro, Rölke, Bertollo (2005), considera que

as coletâneas de provérbios abrangem três tipos de enunciados: 1) maneiras de falar figuradas e metafóricas: “Nunca diga: desta água não beberei”; 2) enunciação de um fato ou verdade experimental que explicita uma maneira de agir e pensar que seja comum a muitas pessoas: “Pau que nasce torto, morre torto”; 3) ensinamentos morais ou conselhos práticos: “Quem casa quer casa”. O fato de os provérbios se constituírem por várias características gramaticais e recursos tanto de escrita quanto recursos orais, emitem um eco tanto do sentido dos provérbios quanto da utilização dos mesmos.

Assim, podemos pressupor que os provérbios populares são crenças, ideologias e analisadores que as pessoas utilizam para criar relações com o mundo por meio da linguagem.

Outra caracterização de provérbios que apresenta uma visão geral e, ao mesmo tempo, precisa é a de Xatara e Succi (2008, p. 35):

...provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

Como podemos notar, os provérbios apresentam várias características que os qualificam como um gênero textual com configurações organizacionais peculiares, com funções específicas e com conteúdos temáticos abrangentes. No entanto, os provérbios quase sempre figuraram em outros textos, nos mais variados gêneros textuais das modalidades de linguagem oral e escrita, dentro e fora da academia, nos títulos de filmes, nas matérias de jornais e revistas, ou nas epígrafes de livros e de trabalhos científicos, nos pronunciamentos de autoridades e de políticos, ou seja, são utilizados de modo comum e rotineiro. Esse uso recorrente no cotidiano, somado à ideia de “filosofia popular” dos provérbios, faz com que haja uma certa marginalização em relação ao gênero. Mesmo na margem, o provérbio é, na língua, um recurso retórico de autorização, é uma citação de autoridade, que consegue aliar argumentação e poesia natural, que faz com que haja uma mudança de entonação durante a locução. Para Anscombre (2000 *apud* CÔRTEZ, 2008, p. 30), de modo semelhante ao texto poético, “o provérbio tem na sua estrutura fônica uma das suas marcas principais, é desta estruturação que depende grande parte da sua memorabilidade e da sua força expressiva”. Para tal, são empregados as rimas, o ritmo, a presença das figuras de linguagem que dão características sonoras como as aliterações e as assonâncias e, em alguns casos, a métrica. Tal efeito pode não ser exatamente poético, mas é plástico, pois chama a atenção para si e redimensiona os sentidos.

Complementando o exposto, Lacerda et al (2004 *apud* ARRUDA, 2012, p. 27)

destaca algumas características dos provérbios, dentre elas, a transmissão oral, e é natural que na oralidade, diversas variantes apareçam, já que os provérbios se utilizam de recursos destinados a ajudar a memorização. Beneficiam-se de processos retóricos, podendo ter uma estrutura métrica (onde força há, direito se perde), ou no mínimo rítmica, com rima (muito riso, pouco riso; não há atalho sem trabalho; o prometido é devido) ou assonância (do prato à boca, se perde a sopa; Deus consente, mas nem sempre). Não são raras as aliterações (filho de peixe, peixinho é; cordeiro manso mama sua mãe e a alheia); repetições (do nada, nada se faz); expressões hiperbólicas (quem a fama tem perdida, morto anda nesta vida), elípticas (parentes, serpentes), enigmáticas (março, marçação, de manhã, focinho de cão e de tarde sol de verão), arcaicas ou de sabor arcaizante (a pássaro dormente tarde entra o cervo no ventre). Enfim, como o caráter proverbial é eminentemente popular, eis a razão pela qual a sintaxe é violentada por vezes (amor e reino não quer parceiro).

De acordo com Discini (2006), os provérbios se caracterizam por serem textos de curta extensão, formados predominantemente de apenas um período, que se organiza como um período simples ou um período de duas orações, com encadeamento sintático acusado como recorrente, porém não exclusivo. Para Discini (2006, p.158)

A recorrência da estrutura sintática binária dá segundo um período simples, formado por uma única oração com sujeito e predicado, como é o caso de “O cérebro ocioso é oficina do diabo”, ou segundo um período composto por duas orações, como é o caso de “Quem madruga, Deus ajuda”. A estrutura binária, formado por sujeito/predicado (verbo mais complemento) ou oração subordinada/oração principal, é mantida como previsibilidade do dizer.

Além disso, a autora supracitada ainda caracteriza a estrutura linguística dos provérbios pela ausência do artigo (“Cão que late, não morde”; “Raposa que dorme não pega galinha”; “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”); pela ausência de antecedente (“Quem desdenha quer comprar”; “Quem ri por último ri melhor.”); pela não-observação da ordem convencional das palavras “Da discussão nasce a luz”; “De algodão velho não se faz bom pano”); pelo emprego do léxico com traços arcaizantes (“Viúva rica com um olho chora e com outro repenica”); pela oposição de operações relacionadas entre si (“A verdade é amarga, a mentira é doce”); pela repetição de palavras “Rei morto, rei posto”; “Tal pai, tal filho”; “Ladrão de tostão, ladrão de milhão.”).

No que tange às temáticas abordadas, os provérbios abordam conteúdos relacionados às diferentes dimensões da vida humana. Nesse sentido, de acordo com Fernandes (1998), os provérbios nem sempre possuem a função de imitar ou de reproduzir comportamentos e valores ou de controle social. Os provérbios, muitas vezes, se referem a modos de ver as coisas, de sentir e de agir de um determinado grupo social. Em outros casos, os provérbios cumprem a função de projetar, direta e imediatamente, as razões ou os juízos de uma pessoa em um contexto indiscutível ou, ainda, para servem para exprimir a verdade em poucas palavras. Nesse sentido, os conteúdos contidos no gênero provérbio se circunscrevem em questões ligadas aos comportamentos, às ações, às atitudes e aos valores, contemplando questões diversas do cotidiano social, entre os quais, merecem destaque: valor do trabalho (“A sorte ajuda às vezes, o trabalho sempre.”; “A preguiça morreu de sede à beira de um rio”), perigos da comunicação (Falar é prata, calar é ouro”; “Falar sem pensar é atirar sem apontar”; “Antes escorregar do pé que da língua.”), vicissitudes da velhice (“A cão velho a raposa cospe-lhe na cara”; “Cachorro velho não aprende truque novo.”); força da tradição genética

ou cultural (“Filho de burro não pode ser cavalo”; “Filho de onça já nasce pintado”, “Filho de peixe, peixinho é”); força das palavras (“A espada vence e a palavra convence”; “Arranjai razões fortes, mas palavras doces”). Além disso, os provérbios tratam dos comportamentos, atitudes e ações, enfocando virtudes, tais como fé (“Fé em Deus e pé na tábua.”; “A fé é que nos salva”), esperança (“Enquanto há vida, há esperança.”), caridade/generosidade (“Fazer o bem sem olhar a quem.”), amor (“Amor com amor se paga.”), sabedoria (“Adivinhar é bom, mas saber ainda é melhor.”), prudência (“Além ou aquém, sempre vejas com quem.”), justiça (“Ao vilão, dão-lhe o pé e toma a mão.”), fortaleza (É de pequeno que se faz grande.”), equilíbrio (“Muito riso, pouco juízo.”), humildade (“Quem tudo quer, tudo perde.”), diligência (“Quem se mete em atalhos mete-se em trabalhos”) etc. Os provérbios também tratam de questões ligadas a outros temas, como: condições de amizade (“Amizade renovada é como sopa requentada”; “Amigo não empata amigo”); categorias do amor (“Amor antigo não enferruja”, “Amor com amor se paga”, “Amor sem dinheiro não é bom companheiro); realidade da morte (“A morte não escolhe idade”; “A morte não poupa nem o fraco nem o forte”); faces do empreendedorismo (“Formiga quando quer se perder cria asa.”; “Querer é poder”; “Bem querer e bem fazer; muito importa para bem viver.”); valor da experiência (“Batendo ferro é que se fica ferreiro.”); respeito ao próximo (“Cada leitão em sua teta.”; “Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.”); incentivo à perseverança (“Caminho começado é meio andado.”; Devagar se vai ao longe.”) etc.

Fundamentando teoricamente a questão exposta, citamos Arruda (2012, p. 27-28):

Quando se trata das temáticas proverbiais, muitos são os assuntos que gravitam esta esfera. Interessante perceber que a utilização de características dos animais sendo análogas às dos homens em alguns provérbios: em rio com piranha, jacaré nada de costas, não jogar pérolas aos porcos, cutucar a onça com vara curta, etc. [...] muitos são óbvios, outros se contradizem, e outros são machistas, racistas ou politicamente incorretos. Em geral, tematizam sobre política (raposa na governança, não há frango em segurança), mercado (coisa rara, coisa cara), culinária (salada bem salgada, pouco vinagre, bem azeitada). Alguns têm um sentido eminentemente prático, como os provérbios agrícolas, oriundos de Portugal e que não podem se situar no nosso país, por ser tropical (neve de fevereiro, presságio de mau celeiro). Há os que abordam a esperança (o coração nunca envelhece, um sorriso e ele esquece), valentia (em casa de caboclo velho, quem não come surucucu, não almoça), o amor (o amor é como a lua, quando não cresce, minguá), o futuro (quem viver verá a volta que o mundo dá). Há assuntos que, por se tratar de temáticas tão recorrentes na vida secular, ocupam maior parte dos provérbios, como dinheiro, amizade, Deus, força, fraqueza, conselhos, juventude, velhice; em todos os ângulos da esfera de atividade humana, há sempre um dizer proverbial, com efeito lúdico ou moralizante, normalmente que se utiliza de recursos destinados a auxiliar na memorização, através de estrutura rítmica, com rimas e, ou, expressões



hiperbólicas.

Nesse contexto, Discini (2006, p. 163) considera que:

Com a reunião de tais temas, radica-se a totalidade genérica, da qual se depreende uma voz com tom próprio: o tom daquele que ensina e orienta. Fica consolidado, na cena enunciativa de aconselhamento, o lugar de legitimação da autoridade acumulada através dos tempos e das nações. Temos então, tal qual um sermão religioso, a intensificação da autoridade enunciativa (cf. Gnerre, 1998, p. 5-6). Tal efeito é viabilizado pelo dever-fazer e pelo dever-não-fazer, modalidades que contribuem para o delineamento do perfil do sujeito como aquele que prescreve e aquele que interdita. Esse sujeito, preenchido como figura e apoiado num feixe de papéis temáticos recorrentes, ensina a viver segundo a justa medida.

A autoridade enunciativa supracitada é intensificada pelos mecanismos de construção de pessoa, tempo e espaço, que não se constituem como pessoa, tempo e espaço reais, mas de “efeitos de sentidos criados pelo discurso”. Nos provérbios, há um narrador implícito, que não assume a autoria do dizer, mas que firma o efeito de distanciamento do sujeito, para que o enunciado possa parecer “enunciar-se sozinho” e para que a sabedoria seja dada como verdadeira e universal. Assim, firma-se a imagem de “intangibilidade do sujeito”. Essa imagem é favorecida pelo fato de os provérbios se fundarem numa relação de tempo estabelecida em função da concomitância do dito em relação ao momento do dizer, ou seja, tem-se “um presente omnitemporal ou gnômico, utilizado para enunciar verdades eternas, ou que se pretendem como tais” (FIORIN*apud* DISCINI, 2006, p. 169). Há, então, o que Discini (2006) denomina de presentificação temporal, que não se limita a um ponto preciso, mas a um “um sempre implícito”. Em relação ao espaço, a autora considera que os provérbios apresentam relações do aqui (manifesto ou não) com o espaço do não-aqui (lá, acolá), bem como os espaços instaurados no enunciado, o “em algum lugar” ou o “nenhum lugar”. Esses espaços constituem o espaço diretamente relacionado ao lugar da enunciação (sistema enunciativo). O espaço também se caracteriza pelo espaço de onde fala o narrador, que pode ser dado com o auxílio de instrumentos linguísticos como o advérbio aqui, que simula um espaço idêntico ao da enunciação “Aqui se faz, aqui se paga”. Além disso, tem-se discursivizado o espaço onde se passam os fatos, tal como: “*Em fandango de galinha, barata não se mete*”; “*Em festa de formiga, não se elogia tamanduá*”; “*Em França como francês, em Roma como romano*”. “*Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas*”. Os destaques figurativos dizem respeito a pontos de referência espacial inscritos no enunciado, firmando posições determinadas para a ocorrência do narrado. Por isso, concretizam um determinado

lugar. Nesse sentido, “tanto o que é dito como o sujeito do dizer pertencem ao todo e qualquer lugar.” (DISCINI, 2006, p. 164). A indeterminação do espaço enunciativo contribui para a expansão da delimitação espacial, fortalecendo o efeito de verdades eternas e de todos os lugares. Assim, em “Casa de ferreiro, espeto de pau.”, o espaço “casa de ferreiro” se aplica a espaços contextuais diversificados em conformidade com a situação de enunciação.

Como se pode notar, a indicação de pessoa, de tempo, de espaço apresenta um sentido conotativo, com o intuito de educar, aconselhar, advertir o interlocutor nas diversas situações da vida cotidiana.

### 3. CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO PROVÉRBIO AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de Língua Portuguesa tem-se centrado na busca do acesso do aluno ao universo de textos que circulam socialmente, com os quais as pessoas interagem sistematicamente no cotidiano, tanto em situações informais, quanto em situações formais de uso público da linguagem. Nesse sentido, Koch (2002, p. 17) afirma que o texto pode ser considerado o próprio lugar da interação e o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos ou texto-co-enunciadores, isto é, o texto não preexiste a essa interação. Utilizar a linguagem é, enfim, interagir a partir do intercâmbio de textos. Por isso, surge a necessidade de propiciar aos alunos condições para o desenvolvimento de competências, habilidades e estratégias linguístico-textual-discursivas para a produção, compreensão e interpretação de textos orais e escritos, oportunizando o desenvolvimento do senso crítico, ético e estético. Nesse sentido, o gênero provérbio se apresenta como um texto que possui várias potencialidades para o ensino da língua portuguesa, embora seja pouco utilizado no processo de ensino-aprendizagem.

Os provérbios recolhem o saber popular, condensam a experiência sobre a realidade do homem, sua experiência cotidiana e suas condições de vida. Nessa perspectiva, o estudo dos provérbios permite o acesso às diversas modalidades de produções culturais, como valores, princípios religiosos, normas, manifestações artísticas, linguagens e estereótipos. Permite, portanto, que o professor desenvolva um trabalho sistematizado com vistas a explorar a valorização da cultura e da tradição oral. Essa afirmação encontra sustentação em Lauand (2000), que considera que uma forma de compreender uma cultura é aprender seus provérbios. Nessa direção, vale pontuar que esse gênero textual funciona como

consolidação de regras de comportamento e advertências a serem observadas. O autor mencionadopostula que nos provérbios podemos encontrar a condição de agentes privilegiados de um ensino implícito, uma vez que retratam o saber popular, compilam a experiência sobre a realidade do homem, o cotidiano, as condições de vida, o sensato e o ridículo, as alegrias e as tristezas, as grandezas e as misérias, a realidade e os sonhos, a objetividade e os preconceitos. Esses enunciados permitem um trabalho com a leitura e com a interpretação, em suas múltiplas possibilidades de produção de sentido. Além disso, os provérbios constituem conjuntos de enunciados que carregam os vínculos sociais e ideológicos que os prendem a determinadas formações sociais.

Outra contribuição do estudo dos provérbios relaciona-se à argumentação. Os provérbios utilizados como forma de argumentação nos textos podem aparecer como título, como encadeamento do discurso, como síntese do conteúdo tratado, sustentando a argumentação. A apresentação concisa de uma ideia permite a transmissão de uma posição ideológica de uma forma resumida. Assim, os provérbios carregam em si uma forma de argumentação, que permite uma aproximação com o leitor/ouvinte, agrega autoridade ao discurso, enriquece o conteúdo dos textos, impõe um modo de pensar, uma vez que o locutor apoia-se sobre uma “ideia estabelecida pelo senso comum, não refutada pela coletividade, admitida de longa data como verdadeira, e preexistente assim à sua argumentação de locutor particular dentro de uma situação particular.” (CÔRTEZ, 2008, p. 88). Como aparecem em outros textos, os provérbios representam uma estratégia valiosa na argumentação, uma vez que ao mencioná-los, colocamo-nos em uma posição privilegiada pela posse da sabedoria universal, pois, já que é conhecida e aceita pelo corpo social, consegue sustentar aquilo que argumentamos. Outro fator referente ao uso de provérbios em contextos argumentativos reside em seu caráter impessoal, o que exime o locutor de uma responsabilização em relação ao que foi dito. Em razão do “dizer sem dizer”, de sua condição de verdade incontestável, advinda de uma fonte de sabedoria admitida como indefectível, assim como de suas características mnemônicas, o provérbio se define como uma “arma apreciada na argumentação” (ROCHA, 1995, *apud* OLIVEIRA, 2011). Nesse sentido, o trabalho com os provérbios em sala de aula poderá contemplar a análise das estratégias argumentativas, bem como os efeitos de sentido decorrentes do emprego dos provérbios em textos de circulação em geral.

Os provérbios, também, possuem estruturas linguísticas notadamente ricas que podem ser exploradas nas aulas de Língua Portuguesa, sobre as quais passamos a

discorrer. Entre essas estruturas, destacamos a lexicalização, que segundo Santos (2013), refere-se à combinação dos elementos que proporcionará o sentido da unidade fraseológica, ou seja, a soma dos significados isolados de cada um dos elementos que o compõem determinará o significado do provérbio. “Em “Galinha que acompanha pato morre afogada”, por exemplo, se tomarmos a soma do significado de cada elemento, não chegaremos ao significado do provérbio.” (p. 34). A análise das estruturas poderá ajudar o aluno a perceber o sentido é determinado pelo uso social. Alguns provérbios, inclusive, conservam palavras que não mais estão em uso e isso confere a eles um caráter de sabedoria ancestral. A forma como é transmitido, de geração para geração, é também um exemplo da força da tradição presente nesses enunciados, como em “Quem não trabuca não manduca”.

Além disso, os provérbios apresentam estruturas linguísticas que se constituem como estratégias para um trabalho com os sentidos e para uma análise da organização linguístico-discursivas dos enunciados, de modo a favorecer o aperfeiçoamento das habilidades de compreensão e de produção textual.

Nesse sentido, os provérbios favorecem possibilidades para o estudo das figuras de linguagem/de estilo. Além de serem textos curtos, podem ser empregados contextos, com funções diversas. Entre essas figuras, destacam-se os eufemismos (estratégia para dizer de uma forma indireta algo desagradável): “Amanhã também é dia”, em que se pode observar uma advertência feita de forma indireta. Segundo Sabino (2010), certos provérbios possuem “valores eufemísticos cujo objetivo é, principalmente, minimizar efeitos negativos, desagradáveis ou indesejáveis, que seriam obtidos por outras estruturas linguísticas, de sentido denotativo; ou ainda, servem para produzir um efeito jocoso, irônico ou sarcástico.” (p. 335).

Oliveira (2011) destaca ainda ocorrências de metáfora (“Águas passadas não movem moinho.”; “Cesteiro que faz um cesto faz um cento.”); de hipérbole (“Quem se faz de mel, as abelhas o comem.”; “Aos afortunados até os galos põem ovos.”); de paradoxo: (“Acender uma vela a Deus e outra ao Diabo.”; “Casar é bom, não casar é melhor.”).

Além disso, os provérbios permitem uma interpretação da pluralidade de vozes expressas em um mesmo enunciado. Para ilustrar, podemos citar os provérbios “A gente todos os dias arruma os cabelos: por que não o coração?” e “As boas coisas vem quando estamos distraídos.”, “Uma andorinha só não faz verão” que evidenciam a incorporação de uma asserção atribuída a outros enunciadores ou personagens discursivos ao discurso do locutor. Essa incorporação representa a voz da coletividade e pode falar por instituições e grupos

sociais. (SABINO, 2010). Assim, no primeiro e no segundo provérbios, o emprego do “a gente” e “estamos” sugere a existência de mais de duas pessoas no discurso, podendo-se ouvir tanto o enunciado do locutor como do enunciador. Já, no terceiro provérbio, observa-se que as “vozes” se evidenciam no discurso da coletividade, atribuída a o(s) interlocutores, a terceiros ou à opinião pública em geral. A polifonia contribui para designar as diversas perspectivas, os pontos de vista ou posições que se representam nos enunciados nas mais diversas circunstâncias.

Os provérbios também permitem uma análise dos recursos que imprimem sonoridade aos textos. Sonoridade esta que se revela como uma importante marca que orienta, distingue e constitui não só a organização linguística, mas que também mobiliza os sentidos da escuta. Nesse contexto, a sonoridade opera das mais diferentes formas, marcando presença em distintos aspectos que participam na vida dos sujeitos, imprimindo ritmo e poeticidade à fala/à leitura. Em “Cada ovelha com sua parrelha.”; “Quem desdenha quer comprar.”; “Longe dos olhos, longe do coração.”; “Anda em capa de letrado muito asno disfarçado.”; “Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro.” etc. observa-se a presença de rimas, de repetições de fonemas, morfemas e de palavras, de diferentes combinações. Esses recursos contribuem para que se possam explorar os recursos existentes na oralidade, valorizando as ideias que o texto pode veicular e os efeitos provocados.

Soma-se às potencialidades dos provérbios para o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa o estudo das ideologias de uma cultura veiculadas pelos enunciados proverbiais. De acordo com Succi (*apud* SABINO, 2010, p. 337), muitos provérbios:

(...) estão baseados nos princípios do bem e do mal (maniqueísmo), exaltando, por um lado, a bondade, a honestidade, a pureza, a simplicidade, o amor, a paciência; e repulsando, por outro, a maldade, a avareza, a desonestidade, a imperfeição, o egoísmo, o ódio, a pressa excessiva, dentre outros. A ideologia presente nos provérbios é, por vezes, julgadora e moralizante, manifestando uma mentalidade machista, preconceituosa, conformista etc.

Nesse contexto, os provérbios apresentam-se como incitadores de comportamentos e valores considerados positivos, como: “Cada homem é o arquiteto de sua própria fortuna.”; “Cada macaco no seu galho.” e “Caminho começado é meio andado.”. Além disso, criticam comportamentos e valores negativos, como: “Depois da batalha aparecem os valentes.”; “Filho de burro não pode ser cavalo.” e “Lágrimas de herdeiro, risos sorrateiros.”. Conforme mencionado acima, a ideologia presente nos provérbios pode ser julgadora e moralizante,

manifestando uma mentalidade machista, preconceituosa, conformista etc. Encontramos enunciados que ilustram essa afirmação, tais como: “Boa mulher nunca está ociosa.”; “Amizade reconciliada é ferida mal sarada.”; “À conta dos ciganos, todos furtamos.”; “Zurros de burro não chegam aos céus.” e “De Espanha, nem bom vento nem bom casamento.” etc.

Podemos considerar que os provérbios ainda propiciam oportunidades para um trabalho com os sentidos conotativos e metafóricos, cristalizados em sua comunidade linguística, como em: “Alfaiate mal vestido, sapateiro mal calçado.”; “Camarão que dorme a onda leva.”; “Com fogo não se brinca.” etc.

Para um trabalho com as habilidades de compreensão leitora, os provérbios oferecem alternativas para o estudo da sinonímia e antonímia. De acordo com Xatara e Succi (2008), a sinonímia pode ser constatada em provérbios e suas variantes que têm significado comum e se empregam em situações análogas. Nesse sentido, são exemplares os provérbios “Cada macaco no seu galho” e “Cada leitão na sua teta” ou “Pelo dedo se conhece o gigante” e “Pelo fruto se conhece a árvore”. Outros provérbios apresentam sentidos antagônicos, como “Devagar que eu tenho pressa”. Outros são antagônicos se comparados entre eles: “Ruim com ele, pior sem ele” comparado com “Antes só do que mal acompanhado”. Para as autoras, também pode-se encontrar contradição nos provérbios, como “Dinheiro é tudo” e “Dinheiro não é tudo”, ou então verdades proverbiais modificadas por meio de alterações como: “Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda”.

O humor e a criatividade também são mencionados como recursos constituintes dos provérbios, que denotam imagens engraçadas ou inusitadas, como em: “Depois da meia noite, urubu vira frango.”; “Tristezas não pagam dívidas e alegrias também não.”; “Quem espera tem que aguardar.”; “Quem ri por último tem raciocínio lento.” Trabalhar com textos humorísticos em sala de aula pode contribuir para que os alunos tenham mais interesse pelos conteúdos linguísticos e culturais trabalhados, para que possam discutir juízos de valor, preconceitos, problemas da sociedade presentes nos textos e analisar aspectos linguísticos que ajudam a provocar o efeito de humor. Nesse sentido, os provérbios contribuem para a identificação de crenças ou superstições como: “Deus está sempre do lado dos mais fortes.”; “Desgraça pouca é bobagem.”; “Erva ruim, a geada não mata.”; “Mulher no volante, perigo constante. Sogra ao lado, perigo dobrado.” Etc.

No que diz respeito ao estudo dos aspectos estruturais, os provérbios também emprestam grandes contribuições para a análise de questões gramaticais, de forma contextualizada. Para Côrtes (2008, p. 25): “Os provérbios muitas vezes não seguem as regras

da sintaxe tradicional, em alguns casos podemos encontrar esta ordenação na construção das frases, mas majoritariamente a disposição das palavras se apresenta de maneira totalmente incompleta ou inversa”. Essa diversidade de formulação permite um estudo da língua em seus diferentes usos e estruturas. Como exemplos, podemos citar: a) paralelismo (“Enquanto há vida, há esperança.”; “A morte não poupa nem o fraco nem o forte.”; “Tal pai, tal filho” etc.); b) concordância verbal: “Na adversidade é que se conhecem os amigos”; Zangam-se as comadres, descubrem-se as verdades”; c) modo imperativo: “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.”; d) formas verbais no presente do indicativo: “Dois bicudos não se beijam.”; e) estruturas complexas: “Mal virá que bem se fará.”; f) variação linguística: “Fora da vista, fora da mente.” e “Longe dos olhos, longe do coração”. (dimensão semântica); “Ferro se malha enquanto está quente.” “Hoje com saúde, amanhã no ataúde”; “A palavras loucas, orelhas moucas.”; (dimensão lexical); etc. Além disso, é possível assegurar que os provérbios circulam tanto na modalidade oral como na modalidade escrita da língua, por isso podem também apresentar características nas duas modalidades.

Contudo, mediante esse universo potencialmente produtivo e promissor desse gênero textual - os provérbios – podemos verificar que eles são muito pouco explorados em sala de aula. Para Santos (2011, p. 23):

Ricos em linguagem figurada, os provérbios constituem importantes criações lexicais, as quais deveriam ser mais amplamente estudadas em sala de aula. Os provérbios funcionam como um forte elemento persuasivo no discurso e por isso as diversas funções desse gênero devem ser exploradas nas aulas de Língua Portuguesa, contribuindo para que os alunos percebam sua importância nos diversos contextos comunicacionais.

Em face do exposto, após explorar as potencialidades que o gênero provérbio empresta ao ensino de língua portuguesa, reiteramos que o fato de um mesmo provérbio possuir diferentes significados, dependendo de vários fatores como: a forma como foi enunciada, o que foi dito antes e o contexto em que se insere pode favorecer a ampliação das habilidades linguístico-discursivas dos alunos, contemplando questões linguísticas, contextuais/discursivas, culturais, ideológicas etc.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo em pauta teve como objetivo socializar uma discussão sobre o gênero textual provérbio e suas potencialidades para o desenvolvimento de metodologias para o ensino de Língua Portuguesa. Para tal, buscamos nos alinhar à tendência recorrente no estudo dos gêneros textuais, qual seja, analisar a estrutura composicional, o conteúdo temático, a função social e o estilo de linguagem. A partir do estudo realizado, constatamos que o gênero provérbio tem merecido atenção por parte de muitos pesquisadores, no entanto, no que se refere a sua utilização como instrumento de ensino e de aprendizagem, esse tema ainda carece de abordagens que permitam uma inserção mais crítica e mais profícua desse gênero em sala de aula. Ao compilarmos estudos que versam sobre a estrutura configuracional dos provérbios constatamos que os autores convergem quando afirmam que se tratam de textos curtos, mas de conteúdo significativo. Esses textos versam sobre diferentes conteúdos temáticos e cumprem com a função de advertir, de ensinar, de persuadir, de atribuir beleza estética e poeticidade.

No que tange às contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, constatamos que os provérbios apresentam várias potencialidades, uma vez que permitem um trabalho de leitura e de produção escrita, considerando as dimensões linguísticas e discursivas. Assim, podemos desenvolver atividades que envolvam questões ligadas à fonologia, morfologia, léxico, sintaxe e semântica, assim como podemos desenvolver atividades que contemplem questões de sentido, tais como a metáfora, a polifonia, a polissemia, a intertextualidade, além das questões ideológicas e culturais.

Por isso, entendemos que o estudo dos provérbios em sala de aula permite dinamizar a inserção do conhecimento popular nas atividades didáticas, garantindo que o trabalho com a leitura seja redimensionado, ou seja, uma leitura como produção de sentidos que efetivamente favorece o desenvolvimento da competência linguística, textual e discursivos alunos. O provérbio permite uma contextualização do trabalho com os textos, pois como todo enunciado, é resultado de uma enunciação, o que torna as aulas de língua portuguesa mais atrativas e interessantes, as quais propiciarão aos alunos uma revisão dos elementos linguísticos utilizados cotidianamente no seu contexto social, assim como a análise de conteúdos ideológicos/culturais presentes nas expressões proverbiais.



## 5. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Rinalda Fernanda de. **Provérbios e expressões idiomáticas como recursos de argumentação da língua na mídia**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, Recife, 2012.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais** (ensino fundamental). Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 1997.

CÔRTEZ, M. T. G. **Os Provérbios franceses utilizados como argumentação nas crônicas de arte**. 2008. 133 f. Tese (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DISCINI, Norma. Provérbios: gênero e estilo. In: BASTOS, Neusa Barbosa. (Org.). **Língua Portuguesa: reflexões lusófonas**. São Paulo: EDUC, 2006, v. 1, p. 157-167.

FERNANDES, Forestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. p. 53-80

KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

LACERDA, J. C. de. **Provérbio popular: Um agenciamento na produção subjetiva**. Betim: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/JordanaLacerda.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

LAUAND, L. J. (2000). Provérbios e educação moral – a filosofia da educação de Tomás de Aquino e a pedagogia do Mathal. Disponível em: <http://www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND/1.htm>. Acesso em: 05 jan. 2014.

OLIVEIRA, Yves Figueiredo de. **Enunciação proverbial e argumentação por autoridade em cartas do leitor**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2011.

SABINO, M. A. Expressões idiomáticas, provérbios e expressões idiomáticas proverbiais: iguais, semelhantes ou diferentes? In: BARROS, L. A.; ISQUERDO, N.A. (Orgs.). **O léxico em foco: múltiplos olhares** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SANTOS, M. O. **O Provérbio É um Comprimido que Anda de Boca em Boca – os Sujeitos e os Sentidos no Espaço da Enunciação Proverbial**. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP-IEL, 2004.

SANTOS, A. P. G. Estudo do léxico em sala de aula: analisando os implícitos nos provérbios. 2011. **Anais do VIII Encontro Intermediário do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL.** Disponível em: <[http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos\\_expandidos/Ana%20Paula-Aderlande.pdf](http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos_expandidos/Ana%20Paula-Aderlande.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2013.

SANTOS, A. P. G.. **O lugar dos provérbios no ensino da língua portuguesa:** uma análise do livro didático de Português do Ensino Fundamental II. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Área de concentração:Linguística Aplicada, 2013.

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thaís Marini. Revisitando o conceito de provérbio. Juiz de Fora: **Veredas**, 2008.